

OS SELVAGENS: A LINGUAGEM E O USO DOS FATOS HISTÓRICOS NA LITERATURA DE GOMES DE AMORIM

Francisco Gomes de Amorim, discípulo do poeta português Almeida Garret, é autor da prosa *Os Selvagens*, publicada em 1875. Quanto à estrutura formal, o romance é uma narrativa composta de 18 (dezoito) partes. Quanto à modalidade narrativa literária, além de ser considerada uma obra indianista, constitui também um romance histórico. Em conformidade com Telles; Graça (2021, p. 100), a obra de Gomes de Amorim é “um romance de ambientação histórica, tendo como pano de fundo, os acontecimentos ensejados pela Cabanagem e os embates entre os protagonistas desse movimento épico que transcorreu na Amazônia”.

Os textos de Francisco Gomes de Amorim presentes em *OS Selvagens*, registram fatos históricos e também apresentam personagens retiradas da História, entre elas, o caudilho da Cabanagem, Ambrósio Ayres Bararoá¹.

[...] - Povo de Bararoá! – gritou Ambrósio, voltando-se para os circunstantes. – A Comarca do alto Amazonas está entregue aos horrores da anarquia, e em poder de assassinos e ladrões. Se um homem de vontade enérgica e audaz não reestabelecer a ordem, auxiliado por vós, dentro em poucos dias, caireis apunhalados, diante de vossas filhas e mulheres, vítimas de violências inauditas (GOMES DE AMORIM, 2004, p. 197).

Outra exemplificação sobre a presença do líder Ambrósio Ayres encontra-se no fragmento textual, a seguir:

[...] Quando caiu o colosso de Icuipiranga, o governo do Pará reconheceu que as ações gloriosas do degredado Ambrósio Ayres Bararoá mereciam galardão condigno, e confirmou-o oficialmente no comando militar do Amazonas. Era a reabilitação mais completa que se lhe podia dar (GOMES DE AMORIM, 2004, p. 199).

Portanto, como romance histórico e suas personagens literárias, há claras referências às personalidades históricas, inclusive ao governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado:

[...] Na margem direita do Rio Negro, ou Quiari, como lhes chamam os índios, em frente do Padauari, e perto do Uarirá, foi criada, em 1758, pelo governador do

¹ Segundo Francisco Bernardino de Souza em *Lembranças e curiosidades do valle do Amazonas*, refere-se ao “famoso caudilho que prestou importantíssimos serviços à causa da legalidade por ocasião da revolução de 1835”.

Estado do Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, a vila de Tomar, que o horror aos nomes portugueses, e o código do processo, reduziram novamente a aldeia, em 1833, com o primitivo nome de Bararoá. Para este lugar, fora cumprir degredo, um homem chamado Ambrósio Ayres (GOMES DE AMORIM, 2004, p. 190).

Sobre o uso dos fatos históricos na literatura, sobre a Cabanagem e a invasão de Manaus pelos cabanos, ilustrados no romance de Gomes de Amorim, é um fato que pode ser constatado, como se observa a seguir: “*Quando chegou a Bararoá a nova de que os cabanos tinham tomado Manaus, cabeça de Comarca do Amazonas, houve um instante de pânico geral*” (GOMES DE AMORIM, 2004, p. 191). No capítulo denominado “Os Cabanos”, que constitui a décima terceira parte do romance, há outra exemplificação:

[...] No dia seguinte pela manhã tomaram outra refeição, semelhante à da véspera, e saíram em seguida cautelosamente para o Caiari. Não se tinham porém afastado ainda dois ou três comprimentos de ubá, da boca do igarapé, quando sentiram atrás de si o bater de muitos remos. Voltando-se, viram o rio coalhado de embarcações de vários tamanhos e feitios, que vinham surdindo de um tributário do Caiari, chamado Ariupaná, e pareciam hesitar sobre o rumo que haviam de seguir. Apenas o ubá foi avistado, toda a esquadrilha se dirigiu para ele. Do grosso das forças, destacaram-se três ou quatro canoas mais velozes, tripuladas por homens de todas as cores, armados com arcos, espingardas, terçados, espadas e machados.

- São os cabanos! – exclamou Alberto. - Estamos perdidos!

- Fugamos para o mato – aconselhou Gertrudes (GOMES DE AMORIM, 2004, p. 181-182).

Quanto à linguagem, o livro apresenta um elemento inovador: a incorporação do linguajar do povo. Uma caracterização da linguagem utilizada pelas personagens envolvidas nos conflitos da Cabanagem², como a supressão do fonema /r/ final de certas palavras incorporadas à prosa: “*sabê*” (saber), “*querê*” (querer).

Outro exemplo de supressão de fonema na linguagem pode ser visto em “*inda*” (ainda), e “*fala*” (falar), claramente ilustradas no fragmento, a seguir: “- *Oiça cá! Escuta gente, com dez milhão de diabo! Inda não acabou di fala!... – rugia o capataz daqueles bravos. – Refugiemos nos lagos Autazes, com os mura e outros amigo nosso,*” (GOMES DE AMORIM, 2004, p. 185. Grifo da autora do texto).

Com referência aos aspectos linguísticos no romance *Os Selvagens*, Mário Ypiranga Monteiro afirma que “a dimensão extraordinária dessa linguagem a nível oral popular, mentaliza uma questão que não é de estética, nem de linguística propriamente

² Movimento social, popular, extremamente violento, ocorrido de 1835 a 1840, no período regencial, na província do Grão-Pará; Guerra dos Cabanos.

dita, mas de indigenismo” (MONTEIRO, 1977, p. 171), ou seja, é a linguagem do povo, carregada de erros gramaticais, mas também carregada dos traços culturais da região. E o historiador e pesquisador finaliza o pensamento sobre a linguagem utilizada por Gomes de Amorim, da seguinte forma:

[...] Todavia, essa linguagem errada possui mais força de coesão e mais índices para a descodificação do usuário receptor do que a linguagem paramentada, diabolicamente vestida de melón, luvas, rodiques e botinas de cano alto de Eça de Queiroz ou de Camilo Castelo Branco. A linguagem do “brasileiro” (MONTEIRO, 1977, p. 172).

A linguagem popular também se faz presente. A expressão “fulo de raiva” caracteriza o coloquialismo presente na obra: “*Os filhos dos Índios vis serão escravos, e aguçarão flechas para atravessar o peito de seus pais – respondeu Woinoi Causchi, fulo de raiva*” (GOMES DE AMORIM, 2004, p. 149).

Tal qual como a rapsódia amazônica do modernista Mário de Andrade, *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter, de 1928, em *Os Selvagens*, de 1875, há erros “propositais” de concordância, de ortografia, enfim, há erros que ilustram o caráter oral e o coloquialismo linguístico do homem amazônico “- *Meus amigo! Fomo derrotado em Cuipiranga; perdemo quase todas vila do sertão e não sabemos si rio Negro inda pertence a nós; entramos no Madeira com tenção di pidi os mura que viesse todo com as outras tribo do lago do Autaz*” (GOMES DE AMORIM, 2004, p. 185).

Acerca da temática que perpassa a obra, no capítulo “O prisioneiro branco”, um branco de vinte e cinco a trinta anos, de “cara redonda, cheia, corada, olhos pequenos, vivos, de cor verde, nariz aquilino, boca pequena e coberta por espesso bigode louro, testa alta” (GOMES DE AMORIM, 2004, p. 150), assim descrito na nona parte da obra, é defendido pela jovem índia Gertrudes (Porangaba), que possui um nome europeu e um nome indígena.

Gertrudes (Porangaba), embora fosse alertada por Romualdo (Goataçara), de que o branco era mau, confirma aos demais, seu interesse por Alberto Lacroix, o prisioneiro francês: “- O branco é meu! – bradou a jovem índia, estendendo a mão sobre ele, e suspendendo com olhar e gesto imperiosos os movimentos dos matadores” (GOMES DE AMORIM, 2004, p. 155). Considerando na narrativa, a inserção de nomes portugueses às personagens indígenas e, sobretudo, que o homem feito prisioneiro é Alberto Lacroix: um branco, europeu, mas que não é português, Francisco Gomes de Amorim, o autor de *Os Selvagens*, no afirmar de Monteiro (1977, p. 170), “parece repelir assim a parte indígena

da parte portuguesa”, contrariando, desse modo, “a mesa-aliança tradicional”.

Caracterizada como uma obra pertencente ao Romantismo, conclui-se que, muito antes do Modernismo, a obra *Os Selvagens*, de Francisco Gomes de Amorim, já apresentava a inserção, na literatura, dos falares do povo. O romance, que tem como cenário, o movimento Cabanagem e como protagonistas Goataçara (Romualdo) e Porangaba (Gertrudes), dois jovens índios da etnia mundurucu, caracteriza, por conseguinte, o indigenismo amazônico. Em conformidade com o autor de *Cordas da lira* (2002), o poeta Sérgio Luiz Pereira, a obra “desperta o sentido da vida e o real valor humano solidificado mesmo quando das boas ações” e “celebra gestos e imagens que pousam na realidade e, com muita sutileza, reflete artes de guerra, golpes, ambições e mortes desnecessários para a felicidade terrestre”, contudo, reflete também “o amor entre os homens, aos animais e à própria humanidade, tão esquecido nestes dias que correm”.

REFERÊNCIAS DO TEXTO

GOMES DE AMORIM. **Os Selvagens**. 2. ed. Manaus: Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2004.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fases da literatura amazonense**. Manaus, Imprensa Oficial, 1977.

SÉRGIO LUIZ PEREIRA. Texto de apresentação presente na capa, precisamente na aba/“orelha” do livro. In: GOMES DE AMORIM. **Os Selvagens**. 2. ed. Manaus: Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2004.

TELLES, Tenório. GRAÇA, Antônio Paulo. **Estudos de Literatura do Amazonas**. Manaus: Valer, 2021.